VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ELABORAÇÃO DE VERBETES PARA CONSTITUIÇÃO DO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA GUERRA DO PARAGUAI

Eliane Gomes Nunes

Marcelo Santos Rodrigues (Orientador)

O projeto elaboração de verbetes para constituição do dicionário brasileiro da guerra do Paraguai vem sendo executado desde agosto de 2011, com o apoio da Bolsa de Iniciação científica – Pibic. A pesquisa pretende condensar em uma obra, minuciosa e concisa, verbetes com informações sobre fatos e personagens da Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim, objetivamos oferecer aos pesquisadores interessados na temática, acesso aos mais variados aspectos da guerra para auxiliar nas investigações sobre o maior conflito bélico da América do Sul. Assim, almejamos tornar o dicionário em obra de referência histórica.

A Guerra do Paraguai ocorreu no período de novembro de 1864 a março de 1870. No conflito envolveram-se a Argentina, o Uruguai e o Brasil contra o Paraguai. Durante cinco anos, essas nações conviveram com a guerra em suas fronteiras, traduzida nas batalhas iniciadas em terras brasileiras e argentinas e, finalmente, encerrada em território paraguaio.

A guerra provocou discussões importantes na vida política e social dos países envolvidos. Foi necessário mobilizar forças terrestres e marítimas, aprovar orçamentos

ISBN: 978-85-98711-10-2

extraordinários e convencer o povo brasileiro da necessidade de sua participação, como soldados e com recursos para a manutenção da guerra.

Nos anos do conflito, a imprensa brasileira desempenhou importante papel na divulgação dos acontecimentos alusivos à guerra. Os jornais narravam desde a mobilização do exército e da guarda nacional, a formação de batalhões de voluntários da pátria, até peculiaridades e aspectos das batalhas, criticando generais das armas aliadas, assim como destacando a atuação heróica de soldados comuns que fizeram a campanha. Seus editoriais traziam informações atualizadas sobre o desenvolvimento do conflito, através de seus correspondentes internacionais, e opiniões de articulistas, políticos e de autores desconhecidos que escreveram sobre a guerra.

Através da leitura desses jornais é possível compartilharmos do que liam a população brasileira sobre o conflito, sobretudo as posições partidárias, manifestações patrióticas, as denúncias quanto as formas de subtração ao recrutamento, a participação de mulheres, de escravos e de estrangeiros na campanha. O governo oficiava suas decisões através da imprensa, para o conhecimento de autoridades e do povo[1].[1]

Através das narrativas jornalísticas podemos acompanhar o desdobramento da guerra desde o início do conflito, quando foi publicada pelos jornais do Rio de Janeiro a notícia do aprisionamento do navio brasileiro, pelo presidente paraguaio Solano Lopez, que transportava o presidente da província do Mato Grosso.

Embora os conflitos ocorridos no estuário do Prata representasse uma constante ameaça a paz nas fronteiras, na segunda metade do século XIX não pareceu existir fortes demonstrações de uma possível guerra internacional. Isso é tão verdade que o governo monárquico brasileiro não estava preparado para a guerra em suas fronteiras. Quando decretada oficialmente o exército paraguaio já havia invadido a província do Mato Grosso e enviava 24 mil homens, através do território argentino, com o fim de tomar a província do Rio Grande do Sul[2].[2]

---

[1] Sobre o papel desempenhado pela imprensa na Guerra do Paraguai ver: REIS, Maria de Lourdes Dias. *Imprensa em tempo de guerra*: *o jornal "O Jequitinhonha" e a Guerra do Paraguai.* Belo Horizonte: Cuatiara, 2003

[2] Uma análise ampla da Guerra do Paraguai pode ser vista na seguinte obra: ; DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai.* São Paulo: Companhia das Letras, .2002

ISBN: 978-85-98711-10-2

Através da imprensa que o governo brasileiro fez o apelo aos cidadãos, publicando, em 7 de janeiro de 1865, o Decreto Imperial 3.371, que criava os Corpos de Voluntários da Pátria. O objetivo era o de animar cidadãos dispostos a empunharem armas em defesa da nação. No decreto o governo assegurava algumas vantagens para aqueles que se apresentassem de forma voluntaria, como o prêmio de trezentos mil réis, doação de terras em colônias militares; preferência nos empregos públicos; patentes de oficiais honorários; títulos nobiliárquicos; liberdade aos que fossem escravos; assistência aos órfãos, viúvas e mutilados de guerra.

Assim, cidadãos apresentaram de todos os pontos do Brasil, como se germinassem do solo fertilizado pelo sentimento nacionalista que pareceu unificar o Brasil. Jovens e velhos, homens e mulheres, abastados e desprovidos, todos correram às armas com empenho para desagravar a pátria. Logo a embriaguez do patriotismo despovoou o litoral, assim como o agreste e o longínquo sertão. A defesa da liberdade achou braços e armas no estrangeiro e entusiasmo na população das grandes cidades do Brasil.[3]

Logo que a guerra tomou a proporção de um conflito internacional, o imperador D. Pedro II[4] partiu para Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, apresentando-se no acampamento improvisado nas cercanias da cidade, como o primeiro dos Voluntários da Pátria. Assim, participando da sorte de seus compatriotas, procurava demonstrar sua dedicação ao Brasil. Essa estratégia política serviu de exemplo aos brasileiros. D. Pedro II foi seguido pelo Conde d´Eu, seu genro, pelo Marquês de Caxias, o general Osório, o Barão de Porto Alegre e pelo ministro da guerra, Silva Ferraz.

A força moral dos cidadãos que acompanhavam a guerra pela imprensa começou a levantar-se. As informações sobre a guerra, trazidas pelos correspondentes

---

[3] Sobre a formação dos batalhões que partiram do Brasil para a Guerra do Paraguai ver: DUARTE, Paulo de Queiroz (General). *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980. 4. V.

[4] Sobre a participação de D. Pedro II na Guerra do Paraguai ver: SCHWARCZ, Lílian Moritiz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998; DUARTE, Paulo Queiroz. *D. Pedro II e os Voluntários da Pátria.* Anais do Congresso de História do Segundo Reinado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1985, p. 321-341.

ISBN: 978-85-98711-10-2

brasileiros, chegavam a capital do Império pelas páginas dos jornais que descreviam os campos de batalhas, as marchas pelos pântanos, as dificuldades enfrentadas pelo exército, apontando, aqui e ali, atos de bravura praticados por soldados, generais e até por ex-cativos.

Contudo, a inexperiência do exército brasileiro e as dificuldades do inóspito território paraguaio ceifaram as vidas dos primeiros voluntários. Dos 51 batalhões de Voluntários da Pátria que seguiram para a guerra restaram apenas 14, sucumbindo os demais em combates ou retirarem-se doentes e mutilados para os hospitais provisórios de Santa Catarina, hospitais militares do Rio de Janeiro ou para o asilo improvisado no Quartel da Armação, em Niterói.

Na fase mais difícil da campanha o governo apelou novamente para o patriotismo da população. Foi convocado mais contingentes de Guardas Nacionais e, através dos presidentes de província o governo central propagou a idéia de se comprar cativos para a guerra. Rapidamente cidadãos recrutados compreenderam que podiam ser legalmente substituídos, assim como seus filhos, pelo seu servo – preferencialmente o mau escravo, o velho e a escória das fazendas. Os escravos eram vendidos em leilões e pagos com o crédito do estado em apólices aos seus senhores. A alforria em troca dos perigos das batalhas.

Finalmente, depois de cinco anos de luta, em 1º de março de 1870, o hino brasileiro foi tocado em Aquidabã, anunciando a vitória das tropas da Tríplice Aliança. Terminava a luta medonha e sem tréguas entre o Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai, com a morte de López e de seus generais. O exercito paraguaio havia sido completamente desbaratado, embora o Brasil tivesse mil homens fora de combate, entre os quais generais de mar e terra.

A partir da pesquisa em acervos formados por periódicos dos jornais que circulavam no período da guerra, objetivamos identificar informações sobre as batalhas e da participação de brasileiros no conflito. Essas informações serão utilizados para a elaboração do *Dicionário Brasileiro da Guerra do Paraguai*, que pretende condensar em uma obra minuciosa e concisa informações diversas sobre a guerra do Paraguai.

Em paralelo a leitura preliminar ocorria a pesquisa documental no acervo de periódicos do Centro de Documentação Histórica. A consulta consistiu na identificação

ISBN: 978-85-98711-10-2

e leitura de artigos que contemplassem os objetivos da pesquisa. Posteriormente, foram digitalizados por meio da fotografia digital os artigos selecionados.

A partir da leitura crítica e comparativa entre os principais jornais que circularam na Corte,a saber: *Jornal do Comércio, A Reforma e o Diário do Rio de Janeiro, e os que circulavam nas províncias, como: Jornal da Bahia e o Alabama (Bahia), o Correio Paulistano (São Paulo), o Desterro (Santa Catarina) e o Publicador Maranhense (Maranhão),* foi possível elaborarmos verbetes com as informações minuciosas que estes imprimiam em suas folhas, pois a imprensa brasileira publicou informações atualizadas sobre a guerra para os seus leitores quanto o desenvolvimento do conflito, através de seus correspondentes internacionais e opiniões de articulistas, políticos e autores desconhecidos que escreveram sobre a guerra**.** Nas narrativas jornalísticas acompanhamos os desdobramentos da guerra desde o seu início. Na pesquisa aparecem os detalhes, circunstâncias, dados importantes sobre as batalhas e os seus participantes. As batalhas foram batizadas com nomes que se popularizaram através de suas páginas como: *Riachuelo* (12.06.1865) *Paso de Lãs Cuevas* (12.10.1865);*Tuiuti* (24.05.1866); *Yatayti-Corá* (10 e 11.07.1866) entre outras. As informações extraídas comporão o dicionário .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOARATIOTO, Francisco. *A maldita guerra*: *nova história da Guerra do Paraguai* São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUARTE, Paulo Queiroz. *D. Pedro II e os Voluntários da Pátria.* Anais do Congresso de História do Segundo Reinado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1985, p. 321-341

DUARTE, Paulo Queiroz. *Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai.* Rio de Janeiro: Editora Biblioteca, do Exército, 1981. V 01 -06.

REIS, Maria de Lourdes Dias. *Imprensa em tempo de guerra: o jornal "O Jequitinhonha" e a Guerra do Paraguai.* Belo Horizonte: Cuatiara, 2003.

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Guerra do Paraguai: Os caminhos da memória, entre a comemoração e o esquecimento*. 2009. 329 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação de História Social. USP – Universidade de São Paulo – SP, 2009.

ISBN: 978-85-98711-10-2

SCHWARCZ, Lílian Moritiz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998